

# AGENDAS DE SEGURANÇA DO BRASIL E DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA PARA O ENTORNO ESTRATÉGICO BRASILEIRO

Fernando Preusser de Mattos<sup>1</sup>, Prof. Dr. Eduardo Munhoz Svartman<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Autor, estudante do oitavo semestre do curso de graduação em Relações Internacionais, UFRGS.

<sup>2</sup> Orientador, membro do Centro de Estudos Internacionais sobre Governo (CEGOV/UFRGS)



UFRGS  
PROFESQ

XXV SIC  
Salão Iniciação Científica

CH - Ciências Humanas

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 A inserção internacional de segurança do Brasil

Em um período de pouco mais de dez anos, pode-se observar a ampliação e o aprofundamento de uma dinâmica de inserção internacional de segurança do Brasil a partir da região sul-americana, dinâmica esta iniciada, contudo, ainda na transição das décadas de 1970 e 1980, quando da aproximação entre Brasil e Argentina no contexto de construção da estabilidade estrutural entre os dois países (CANDEAS, 2010). Ao período de redemocratização subsequente remonta a série de tratados que lançaram as bases para a formação do Mercado Comum do Sul (Mercosul) e para o aprofundamento da integração sul-americana, direcionada, a princípio, ao campo comercial. Mais recentemente, o esforço de integração regional tomou proporções inéditas com a criação da União de Nações Sul-Americanas (UNASUL) e, especialmente, do Conselho Sul-Americano de Defesa (CSD), ambos por iniciativa e sob liderança explícitas do Brasil (RBPI, 2010). Essa dinâmica de inserção foi sustentada, concomitantemente, pela adesão a regimes internacionais e pelo estabelecimento de compromissos e responsabilidades junto a organismos internacionais e aos demais Estados da região, bem como pelo aumento de suas capacidades materiais e pelos ganhos de poder relativo no sistema internacional (idem), o que evidencia a necessidade de uma abordagem que considere as raízes teóricas institucionalista e realista ao se tratar da inserção do Brasil nas estruturas e dinâmicas de segurança internacional (BRIGAGÃO & PROENÇA JÚNIOR, 2002).

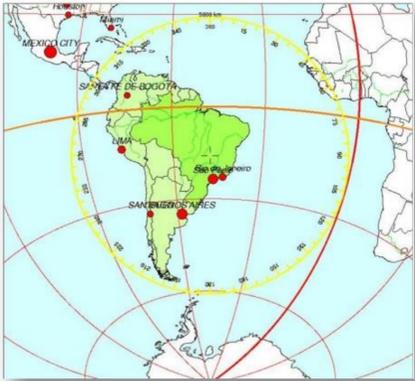
### 1.2 Redimensionamento das relações Brasil – Estados Unidos da América

Juntamente ao aprofundamento da dinâmica de inserção internacional do Brasil mencionada acima, houve uma alteração do perfil das relações entre o Brasil e os Estados Unidos da América (EUA), sobretudo com a transição entre os governos de Fernando Henrique Cardoso (1995 – 2002) e de Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010). Desenvolve-se, a partir de então, uma etapa afirmativa no diálogo com a superpotência por parte do Brasil (HIRST, 2011). Como consequência dessa nova configuração, houve um redimensionamento das relações Brasil – EUA. A atitude dos EUA com relação a Brasília, por sua vez, passou a oscilar entre uma espécie de “indiferença benigna” e um interesse em engajar ou atrair (*engage*) um Brasil emergente e capaz de assumir uma posição de estabilizador diante da ascensão da influência venezuelana na subregião sul-americana (BRANDS, 2010; CASTRO & SPEKTOR, 2011; CRONIN, 2009). No âmbito das relações bilaterais em temas de defesa e assuntos militares, assumem importância, recentemente, o estabelecimento do Acordo sobre Cooperação em Matéria de Defesa, de abril de 2010, bem como a criação do Primeiro Diálogo de Cooperação em Defesa (DCD) Estados Unidos-Brasil, em 2012.

## 2. QUESTIONAMENTOS DA PESQUISA

Dessa forma, o objetivo da pesquisa consiste em analisar as atuais prioridades de política externa e de defesa do Brasil e dos Estados Unidos da América para as regiões consideradas prioritárias para os interesses brasileiros segundo os documentos de defesa do Brasil (Política de Defesa Nacional, 2005; Estratégia Nacional de Defesa, 2008; Livro Branco de Defesa Nacional, 2012), quais sejam, a América do Sul (vertente continental) e o Atlântico Sul (vertente marítima) – inserindo-se nesta última a costa ocidental da África – e as implicações daí decorrentes para o esforço de inserção internacional de segurança do Brasil. Podem-se levantar algumas questões de modo a melhor explicitar o objeto de estudo:

- em que consiste o *entorno estratégico brasileiro*, ou *entorno geopolítico imediato*, e de que forma os documentos de defesa e o pensamento estratégico brasileiro contemporâneo definem essas regiões?



- quais são as atuais prioridades do Brasil e dos Estados Unidos em matéria de segurança e defesa para as vertentes continental e marítima do entorno estratégico brasileiro, segundo documentos oficiais de defesa e política externa dos dois países e a bibliografia especializada?
- quais são as principais divergências observadas entre tais prioridades e em que medida tais divergências podem afetar a inserção internacional do Brasil?

FIGURA 1: Mapa do Brasil no Contexto da América do Sul e do Atlântico Sul. Mapa azimutal equidistante centrado em Brasília, DF. (Fonte: OLIVEIRA, 2012).

## 3. MARCO TEÓRICO

Assim, a discussão desenvolvida no trabalho a respeito das atuais agendas de segurança do Brasil e dos EUA para o entorno estratégico brasileiro considera como válido o argumento do neorealismo ofensivo de Mearsheimer (2001) para o continente americano e, por conseguinte, aceita suas consequências quanto à conformação de um cenário estratégico específico para a América do Sul e o Atlântico Sul, com duração de curto e médio prazos (DUARTE, 2012).

Em virtude desse cenário, os objetivos de política externa e de defesa brasileiros estariam condicionados, em primeiro lugar, pela realidade de poder prevaemente no continente de concentração hegemônica de capacidades pelos Estados Unidos desde o início do século XX, havendo também uma posição assimétrica do Brasil em relação aos demais países sul-americanos (DUARTE, 2011; DUARTE, 2013). Por fim, compreende-se a partir desse marco teórico a condição política do Brasil de *free-rider* (ou “carona”) em termos de segurança (PROENÇA JÚNIOR & DINIZ, 2008 apud DUARTE, 2012), com consequências relativas às suas prioridades de política externa para o entorno estratégico.

## 4. METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida para a realização do trabalho possui caráter exploratório e descritivo. Parte, portanto, de pressupostos e conceitos teóricos encontrados nas fontes primárias e secundárias utilizadas como referência no esforço de revisão bibliográfica sobre os temas em discussão, no sentido de se inferirem resultados acerca das prioridades em matéria de segurança dos dois países para as regiões definidas como o entorno estratégico brasileiro. A inferência descritiva, utilizada como metodologia no trabalho, refere-se ao processo de compressão de um fenômeno não observado através de um conjunto de observações, antes que se explique o fenômeno. Coleta e processamento de dados, levantamento de causas e efeitos e observação de eventos particulares em busca de padrões sistemáticos e não-sistemáticos à luz das teorias constituem elementos que embasam a inferência descritiva (KING; KEOHANE; VERBA apud DINI, 2012).



FIGURA 2: Emblemas do Comando Naval do Sul (SOUTHCOM) e da Quarta Frota dos Estados Unidos da América. (Fonte: Facebook).

## 5. RESULTADOS

Quanto aos resultados, a pesquisa indica que, na perspectiva brasileira, a América do Sul e o Atlântico Sul passaram a representar, conforme explicitam os documentos de defesa, os dois principais eixos de inserção internacional do Brasil, tornando-se prioridade o estreitamento da cooperação com os países sul-americanos e a criação de mecanismos de integração regional sem a presença dos EUA e que visam à estabilização e ao desenvolvimento econômico e social da região, sobretudo por meio da consolidação da UNASUL. Com relação ao entorno sul-atlântico, as prioridades brasileiras buscam a construção de um ambiente cooperativo com demais países costeiros – sob a égide da Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS) –, bem como a negação do uso do mar a eventuais forças inimigas e a projeção de poder. Os EUA compartilham o interesse brasileiro pela estabilidade regional, e, face à emergência recente da Venezuela nos contextos sul-americano e caribenho – e a proximidade desse país a grandes potências com aspiração à hegemonia em suas regiões (como Rússia e Irã) – conferem relevância especial à relação com Brasília como agente estabilizador do *status quo* regional (BRANDS, 2010). Além disso, que há uma alteração substancial nas prioridades estratégicas globais do país em decorrência dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, o que se reflete no enquadramento estratégico das duas vertentes do entorno geopolítico imediato do Brasil pelos EUA, assumindo relevância a securitização do narcotráfico e do terrorismo, bem como a militarização do combate às drogas, sobretudo na sub-região andina, medidas que parecem não encontrar respaldo nas ações do Brasil (HIRST, 2011; PAGLIARI, 2009).

## 6. REFERÊNCIAS

CASTRO, João; SPEKTOR, Matias. **Obama e o Brasil**. In: LOWENTHAL, Abraham. (org.) *Obama e as Américas*. Rio de Janeiro: FGV, 2011. CRONIN, Patrick M. (ed.). *Global Strategic Assessment 2009: America's Security Role in a Changing World*. Institute for National Strategic Studies. Washington D.C.: National Defense University Press, 2009. CANDEAS, Alessandro. *Integração Brasil-Argentina: história de uma ideia na “visão do outro”*. Brasília: FUNAG, 2010. BRIGAGÃO, Clóvis Eugênio Georges. *Paz, segurança internacional e inserção brasileira*. Tese (Doutorado em Estudos Estratégicos Internacionais - UFRGS). Porto Alegre, 2011. BRIGAGÃO, Clóvis; PROENÇA JÚNIOR, Domicio. *Concertação múltipla: inserção internacional de segurança do Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002. BRANDS, Hal. *Dilemmas of Brazilian Grand Strategy*. Monograph. U.S. Army War College, Strategic Studies Institute, 2010. DINI, Cassiana Borilli. *Uma análise das possibilidades de estabilização do Afeganistão: os projetos regionais de Estados Unidos, China e Rússia*. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais - UFRGS). Porto Alegre, 2012. DINIZ, Eugênio. *Política Internacional: guia de estudo das abordagens realistas e da balança de poder*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2007. DUARTE, Érico Esteves. *South American Strategic Condition and Implications for Brazilian National Defense*. IPSA-EPCR Joint Conference. São Paulo: Associação Brasileira de Ciência Política, 2011. \_\_\_\_\_. *Conduta da Guerra na Era Digital e suas Implicações para o Brasil: Uma Análise de Conceitos, Políticas e Práticas de Defesa*. Texto para Discussão (Ipea, Brasília), v. 1760, p. 1-93, 2012. \_\_\_\_\_. *Approaches to Maritime Security in the Atlantic*. Journal der Politisch-Militärischen Gesellschaft, n. 85, p. 9-11, 2013. HIRST, Mônica Ellen Seabra. *As relações Brasil – Estados Unidos desde uma perspectiva multidimensional: evolução contemporânea, complexidades atuais e perspectivas para o século XXI*. Tese (Doutorado em Estudos Estratégicos Internacionais - UFRGS). Porto Alegre, 2011. KING, Gary; KEOHANE, Robert; VERBA, Sidney. *Designing Social Inquiry: Scientific Inference in Qualitative Research*. Nova Jersey: Princeton University Press, 1994. MEARSHEIMER, John. *The Tragedy of Great Power Politics*. New York: W.W. Norton, 2001. OLIVEIRA, Lucas Kerr de. *Energia como Recurso de Poder na Política Internacional: Geopolítica, Estratégia e o Papel do Centro de Decisão Energética*. Tese (Doutorado em Ciência Política - UFRGS). Porto Alegre, 2012. PAGLIARI, Graciela De Conti. *O Brasil e a segurança na América do Sul*. Curitiba: Juruá, 2009. PROENÇA JÚNIOR, Domicio; DINIZ, Eugênio. *The Brazilian Conceptualization of Security*. In H. Brauch (Ed.), *Globalization and Environmental Challenges: Reconceptualising Security in 21st Century* (pp. 311-320). Berlin: Springer, 2008. RBPI (REVISTA BRASILEIRA DE POLÍTICA INTERNACIONAL). Ano 53, Edição especial: *Emerging Brazil under Lula*, 2010.



MODALIDADE  
DE BOLSA

BIC UFRGS